



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Reflexión

2023

Cristina Moreira Marcos, Dayane Costa de Souza Pena & Bruna Monteiro Hallak

Declinações da (s) Violência(s) na minissérie *Maid*

Revista Affectio Societatis, Vol. 20, N.º 38, enero-junio de 2023

Art. # 4 (pp. 1-15)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



DECLINAÇÕES DA (S) VIOLÊNCIA(S) NA MINISSÉRIE *MAID**

Cristina Moreira Marcos¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

cristinammarcos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2481-2172>

Dayane Costa de Souza Pena²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

dayannepena@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9137-3846>

Bruna Monteiro Hallak³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

brunamhallak@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4575-2647>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v20n38a04>

Resumo

A violência contra a mulher, a partir da ótica da psicanálise, deve ser abordada como violência endereçada ao feminino, conceito lacaniano que não se esgota na anatomia nem na dicotomia homem/ mulher, mas

* As autoras agradecem o suporte do CNPq, por meio da Chamada Universal Nº 18/2021, pelo suporte para o desenvolvimento deste trabalho”

- 1 Psicanalista. Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, Universidade de Paris 7. Docente permanente do Programa de Pós-graduação Stricto-Sensu em Psicologia da PUC Minas. Coordenadora do LAPSI-Laboratório de Psicanálise Invenções Subjetivas na Atualidade. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2/Cnpq.
- 2 Psicóloga e Mestre em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas. Membro do LAPSI-Laboratório de Psicanálise Invenções Subjetivas na Atualidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
- 3 Psicóloga e Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

que diz respeito a diferentes modos de gozo. Embora muitos avanços tenham sido realizados nos campos social e jurídico, o enfrentamento da violência ainda é uma questão que demonstra a fragilidade e a necessidade de políticas e direitos para as mulheres. Valendo-nos da minissérie *Maid*, apostamos na articulação entre os recursos de imagem e de discurso,

ali empreendidos, para abordarmos pontos específicos condizentes à problemática, extraíndo consequências para teoria e clínica. Assim, buscamos nos interrogar sobre possíveis estratégias subjetivas no enfrentamento da violência doméstica.

Palavras-chave: violência; mulher; feminino; psicanálise.

DECLINACIONES DE LA(S) VIOLENCIA(S) EN LA MINISERIE MAID

Resumen

Desde la perspectiva del psicoanálisis, la violencia contra la mujer debe ser abordada como una violencia dirigida a lo femenino, concepto laciano que no se agota en la anatomía ni en la dicotomía de hombre/mujer, sino que concierne a diferentes modos de goce. Aunque se hayan alcanzado muchos avances en el campo social y jurídico, el enfrentamiento de la violencia sigue siendo un tema que demuestra la fragilidad y la necesidad de políticas y derechos para las

mujeres. A partir de la miniserie *Maid*, nos apoyamos en la articulación entre los recursos de la imagen y del discurso que allí se realizan, para abordar puntos específicos coherentes con el problema, y extraemos consecuencias para la teoría y la clínica. Así, buscamos interrogarnos sobre posibles estrategias subjetivas para enfrentar la violencia doméstica.

Palabras clave: violencia; mujer; femenino; psicoanálisis.

DECLINATIONS OF VIOLENCE(S) IN THE MINISERIES MAID

Abstract

From a psychoanalytical perspective, violence against women must be approached as violence against the feminine —a Lacanian concept that goes beyond the anatomy or

the man/woman dichotomy and involves different modes of *jouissance*. Although there have been many advances in the social and legal fields, addressing violence still demonstra-

tes the fragility and the need for policies and rights for women. This paper is based on articulating the image and discourse resources made in the miniseries *Maid* to address specific topics consistent with the problem and draw implications for theory and

clinic. Thus, it seeks to reflect on the possible subjective strategies for coping with domestic violence.

Keywords: violence, woman, feminine, psychoanalysis.

DÉCLINAISONS DE LA (DES) VIOLENCE(S) DANS LA MINI-SÉRIE *MAID*

Résumé

Dans la perspective de la psychanalyse, la violence à l'encontre des femmes doit être abordée comme une violence dirigée contre le féminin, un concept lacanien qui ne s'épuise pas dans l'anatomie ou dans la dichotomie homme/femme, mais qui concerne différents modes de jouissance. Bien que de nombreux progrès aient été réalisés dans le domaine social et juridique, le combat contre les violences faites aux femmes reste un problème qui démontre la fragilité et la nécessité de politiques et de droits pour les femmes. Basés sur la mini-

série *Maid*, nous prenons appui sur l'articulation entre les ressources de l'image et du discours qui y sont déployées pour aborder des points spécifiques en lien avec ce sujet. Nous en tirons également des conséquences pour la théorie et la clinique. Nous cherchons ainsi à nous interroger sur les éventuelles stratégies subjectives pour lutter contre les violences conjugales.

Mots-clés: violence; femme; féminin; psychanalyse.

Recibido: 04/07/2022 • Aprobado: 31/01/2023

Introdução

Maid é uma minissérie produzida pela Plataforma Streaming Netflix, e criada por Molly Smith Metzler, inspirada no best-seller autobiográfico *Maid: Hard Work, Low Pay, and a Mother's Will to Survive* de Stephanie Land, que conta a história de Alex (Margaret Qualley), uma jovem mãe que luta para sobreviver com sua filha de dois anos e se libertar de uma relação conjugal abusiva. Em dez episódios, vemos a violência se conjugar em suas mais diversas formas: a violência contra a mulher, a exploração laboral, a solidão.

Segundo Bassols (2012), onde há cultura, há violência contra a mulher. Isso significa que a violência humana não encontra raízes em causas naturais ou biológicas, como acontece no mundo animal. A cultura humana, fundada na ação e nos efeitos simbólicos da linguagem sobre o corpo desnaturaliza qualquer registro instintivo. Em função disso, é possível assinalar o caráter universal e transversal da violência contra as mulheres, que ocorre em todas as idades, em todas as classes sociais e situações de trabalho, em todos os níveis midiáticos e culturais, inclusive na educação (Bassols, 2012). Nesse sentido, pode se dizer que a subjugação das mulheres sempre se fez presente nas sociedades patriarcais, atravessando os tempos e as civilizações, com nuances e colorações diversas de acordo com cada época.

Alonso e Fuks (2014) destacam que nas últimas décadas deu-se início um movimento de crise das representações sociais vigentes acerca da masculinidade, apoiadas na dominação masculina. As transformações sociais e direitos conquistados pelas mulheres, as mudanças nos papéis, nos relacionamentos e nos atributos de gênero assim como os efeitos na subjetividade fizeram com que a condição masculina pudesse ser questionada. Em contrapartida, Aurelie Pfauwadel (2017) afirma que a desconstrução das referências tradicionais acerca do masculino produz um retorno de movimentos viris que clamam por um restabelecimento do falo como Nome do Pai, assim como pelo desencadeamento de um ódio sexista e anti-feminista: “Lá onde o semblante fálico não regula mais tão bem o gozo pelo simbólico, assistimos a um forte retorno no real de uma virilidade machista e belicosa, que se expõe de modo cada vez mais descomplexado” (p. 6).

Elisa Alvarenga (2015) aborda a universalidade da violência contra a mulher a partir de dois fatores: a diferença sexual, tomada em sua assimetria, e não na impossível complementariedade; e a agressividade constitutiva do sujeito. A ordem masculina é uma ordem patriarcal, na qual o poder e o controle estão localizados na figura de exceção, como o pai da horda primitiva no mito *Totem e Tabu*, de Freud. A ordem feminina, por sua vez, surge quando já não há mais instância paterna reguladora e por isso é uma ordem em que não há exceção, mas sim horizontalidade (Alvarenga, 2015). Nesse sentido, o ato violento pode ser definido a partir da recusa do diferente, do heterogêneo a si mesmo. Isso significa que a violência contra as mulheres ataca nelas o hétero, a diferença, uma vez que a figura feminina pode representar algo de insuportável, tanto para os homens quanto para as mulheres: “É a ameaça de fragmentação, de dissolução do eu em um gozo sem limites, o que coloca o horror às mulheres ao vislumbrar um gozo que não pode ser escrito e que culmina na ausência de relação sexual” (Riguini & Marcos, 2018: 8).

À psicanálise, cabe considerar as significações inconscientes da agressão e da submissão, além de reconhecer a diferença sexual e escutar o feminino que existe em cada sujeito, homem ou mulher (Alvarenga, 2015). Do lado das mulheres, encontramos frequentemente submissão e consentimento, o que dificulta sobremaneira ações terapêuticas, no sentido de libertá-las do jugo no qual se encontram. Frente à alteridade de seu corpo e ao feminino que encarnam, a maternidade pode aparecer como uma saída para as mulheres. Nestes casos, a figura da mãe vem tamponar o horror ao feminino (Riguini & Marcos, 2018). Assim, é possível que a mulher-mãe adote os semblantes do sacrifício e da abnegação, que não são facilmente deixados de lado. Para Gallo *et al.* (2010), apesar da liberdade conquistada pelas mulheres, para além da antiga posição materna como único caminho, ainda se conservam posições superegóicas, que estabelecem: “você não tem direito” ou, “você não merece”. Dessa forma, é preciso considerar que tais significantes não vem apenas de um Outro algoz, mas sim de si mesmas, o que muitas vezes impede que as mulheres busquem sair da situação de violência. (Riguini & Marcos, 2018).

A minissérie *Maid* exhibe uma história de violência doméstica, sendo capaz de ilustrar a discussão que aqui se propõe. A trama tem

início com a cena de uma mulher fugindo de casa, no meio da noite, com sua filha. A cena se repetirá mais uma vez ao longo da narrativa. Aos poucos, o espectador vai sendo apresentado aos motivos da fuga, à luta pela sobrevivência, à precariedade na qual se encontra Alex e à sua solidão. Aqui, interessa-nos justamente esse momento ordenador da minissérie: o ato da fuga, que ocorrerá duas vezes ao longo da trama. O que o determina? O que o preside?

No enfrentamento da violência doméstica contra a mulher, um enigma permanece muito vivo: por que elas não rompem com a relação violenta? Evidentemente não há uma resposta unívoca para essa pergunta. Até bem pouco tempo, essa pergunta nem era colocada no âmbito público. Naturalizada como algo próprio à vida em família, a violência doméstica ganhou espaço entre as políticas públicas a partir dos discursos feministas e sociais que buscaram sua inclusão no espaço coletivo como violação dos direitos humanos.

No Brasil, a *Lei “Maria da Penha”* (Presidência da República/2006) é um marco fundamental no avanço desse combate, reconhecendo não somente a situação de violência doméstica como uma violação aos direitos humanos, mas também caracterizando a violência como um crime tipificado que se declina como violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. No Relatório do “Observatório sobre a Violência e as Mulheres na EBP”, Heloisa Caldas *et al.* (2016) afirmam que o discurso acerca da violência intrafamiliar se modificou: partimos de um discurso que escondia a violência como um segredo de família que deveria ficar restrito ao domínio do íntimo para um discurso que busca a denúncia, a investigação e a prevenção. Na era dos números, a violência também se contabiliza. O Relatório propõe uma pergunta: “Entre o imperativo anterior ‘não se deve falar’ e o atual ‘deve-se falar’, qual a posição do sujeito?” (Caldas *et al.*, 2016, p. 59).

Embora muitos avanços tenham sido realizados, o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher é um desafio cotidiano para as instituições públicas e privadas e o papel do Estado é inestimável. Apesar de todos os esforços, dos dispositivos sociais, jurídicos e de saúde de apoio às mulheres, a violência não tem diminuído. Se, de um lado, precisamos de políticas públicas e ações do Estado capazes de

fornecer as condições desse enfrentamento, por outro, é necessária a promoção de uma mudança da posição subjetiva daqueles e daquelas envolvido(as) nas situações de violência.

Tratar a questão como se bastasse falar, denunciar, julgar e punir, não contempla os aspectos do real do gozo das parcerias que escapam à operação da linguagem. A fascinação pelas cifras e pelas confissões, assim como a corrida das práticas imediatistas e assistencialistas, não levam em conta o impossível de conceber e falar do gozo. (Caldas *et al.*, 2016, p. 59).

Sabemos que não é incomum o fato de que as vítimas não recorram à Lei para se protegerem, e as que o fazem, muitas vezes, logo retiram suas queixas (Riguini & Marcos, 2018). Nesse sentido, embora as mudanças sociais e jurídicas sejam fundamentais para o tratamento do problema, é preciso que mudanças em um âmbito mais íntimo e particular aconteçam, na tentativa de acompanhar as transformações sociais conquistadas pelos movimentos feministas.

A fuga para longe

Dois momentos escandem a narrativa. A primeira fuga abre a minissérie. A protagonista Alex (Marguerite Qualley), que vivia em uma espécie de trailer com o namorado Sean (Nick Robinson), escapa com sua filha e perambula pela cidade em busca de um lugar para morar e de meios para sobreviver. Ela se precipita na ação sem saber ao certo do que foge, o que a ameaça e que nome dar àquilo que viveu com seu parceiro. A segunda fuga conduz ao fechamento da história. Nela, Alex corre para longe do seu cárcere privado, despojada de todos os objetos fálicos (roupas, dinheiro, carro, telefone), mas sabe onde ir e o que procura.

Na primeira fuga, a narrativa se desenvolve após Sean, sob efeito do álcool do qual ele é adicto, jogar um pote de vidro em direção à mulher e, por pouco, não acertá-la. É este o estopim para a protagonista pegar o carro à noite, tirar a filha de casa e fugir do seu agressor. No entanto, apesar desse episódio, aparentemente responsável por

desencadear a fuga, Alex não sabe o que lhe ocorre. Nesse primeiro ato, vemos seu esforço incomensurável para não se deixar engolir novamente na parceria da qual busca se desvencilhar. Além disso, ela se dá conta de que não tem nada a seu favor: trabalho, pais acolhedores ou amigos com quem pudesse contar. O Serviço de Assistência Social destinado a mulheres vítima de violência é onde Alex encontra acolhimento, embora seja categórica ao afirmar para a assistente social que não pode denunciar o namorado, uma vez que não sofre violência, o que impossibilitaria a sua candidatura a programas de apoio do governo. Reluta em nomear o que vive como uma violência porque entende que não houve agressão física. Ao procurar o Serviço de Assistência Social, diz que detestaria tirar o lugar de alguém que sofreu “agressão de verdade” e que não fará um Boletim de Ocorrência, pois não foi agredida. Alex não reconhece aquilo que vive como uma agressão. Ora, muito mais do que um desconhecimento intelectual acerca da violência psicológica, não se trataria aqui de um não saber acerca de sua posição subjetiva?

Miller (2000), em *A teoria do parceiro*, apresenta as diversas declinações lacanianas do parceiro subjetivo, sublinhando que o sujeito laciano não pode ser pensado sem um parceiro, ou seja, ele tem de modo necessário, estruturalmente, um parceiro, definido como aquele com quem jogamos a partida. Com quem Alex joga a partida? Miller esclarece que “o parceiro essencial do sujeito é o objeto *a*, alguma coisa de seu gozo, de seu mais-de-gozar” (p. 169). Ele não é nunca o Outro sujeito, “nem a imagem, nem o falo, mas um objeto extraído do corpo do sujeito” (p. 168).

A relação é sempre sintomática. Isso significa que há endereçamento do sintoma que faz laço com o Outro, por isso, o encontro amoroso é um encontro entre sintomas. Daí a definição proposta por Miller (1998) segundo a qual a parceria supõe que o Outro se torna sintoma do falasser, ou seja, se torna um meio de gozo. De um lado, um modo de gozar do inconsciente, articulado ao significante, e, de outro, um modo de gozar do corpo do Outro. Miller esclarece que o corpo do Outro é o corpo próprio e o corpo do outro. Para tanto, é preciso levar em conta os diferentes modos de gozo que podem se apresentar em uma parceria sintomática:

A partir da fórmula da sexuação proposta por Lacan no Seminário 20, é possível dizer que o parceiro-sintoma do homem se estrutura como Todo x , tomando o pequeno a , enquanto que do lado feminino, ele se estrutura sob o significante Não-Todo. O gozo do homem, regido sob a forma de significante, o pequeno a torna possível contabilizá-lo. Enquanto que, para a mulher, é necessário que o parceiro tome o contorno de Não-Todo. Desse modo, para amar é necessário que haja a castração, que algo falte. Por isso se pode deduzir que é natural amar uma mulher, pois ela encarna o Outro barrado. (Dupim & Besset, 2011, p. 3).

A esse respeito, Dupim e Besset (2011) acrescentam que há algo nas parcerias amorosas que aponta para uma satisfação no sofrimento. Nesse sentido, conforme proposto por Miller (2000), por meio da noção de parceiro-sintoma, o verdadeiro parceiro do sujeito é o seu modo de gozo. Considerando a máxima lacaniana de que “amar é dar aquilo que não se tem”, para suprir o que falta, imprime-se, para o sujeito, o sintoma, como um modo de suplência à inexistência da relação sexual (Dupim & Besset, 2011). Questionamos então: Do que se trata nessa parceria entre Alex e Sean? Podemos falar em uma parceria sintomática?

Há que se lembrar de uma precisão feita por Miller (2017) em seu texto *Crianças violentas*. A violência emerge quando não há substituição de gozo; a violência é o próprio gozo. Isso significa que também não há uma sintomatização, pois não estamos justamente diante de uma perda de gozo, ao revés, o que se apresenta é da ordem de um excesso. Neste caso, Miller fala de uma ruptura na trama simbólica, a qual produz o retorno de um puro gozo no real, ainda que não se trate necessariamente da psicose – os casos devem ser analisados um a um. Assim, presenciamos uma violência sem “porquê”, que, ao menos inicialmente, é tida como causa em si mesma. A conclusão a que se chega, e a partir da qual propomos pensar a parceria entre Alex e Sean, é a de que a violência se apresenta como satisfação da pulsão morte, na medida em que visa a dissolução dos laços com o outro, ela é pura vontade de destruição, sem uma metaforização própria do sintoma é a explosão de um excesso pulsional. Daí a dificuldade de localização subjetiva. O sintoma não surge em sua versão freudiana como um índice do sujeito e não é tomado como uma mensagem, como portador de um sentido, mas sim como índice de puro gozo.

A minissérie *Maid* não faz nenhuma concessão ao reducionismo da relação entre vítima e algoz. A parceria se faz através de uma identificação a um modo de gozo. A parceria sintomática parece se fazer a partir do amor pela literatura. Alex só tem olhos para Sean, que lê Bukowisk como ela e que, como sua mãe, transita entre demonstrações de afeto, carinho e extrema hostilidade ou mesmo indiferença. Ressaltamos que a perspectiva psicanalítica acerca da violência contra a mulher não se faz através do par vítima-algoz que muitas vezes encontra saídas nas medidas educativas de erradicação de condutas (Riguini & Marcos, 2018). À psicanálise, interessa interrogar o que a violência revela acerca do gozo presente nas parcerias, sem desconsiderar, portanto, a pulsão de morte que circula nas relações.

Nesse primeiro ato, assistimos então Alex se desdobrando para cuidar de sua filha e sobreviver, vemos seu desamparo e solidão, sua dificuldade em nomear como agressão a violência psicológica à qual é submetida, sua impotência em reagir e se defender da agressividade que vem do outro, seja nas relações de trabalho, seja nas disputas com o pai de sua filha. Nada disso é estrangeiro às situações de violência doméstica que conhecemos: a situação de violência vivida junto ao parceiro repete aquilo que foi naturalizado ao longo da sua história. Toda uma travessia será necessária para que ela se liberte do que a oprime.

O limite no ilimitado

Embora notabilizada como uma minissérie sobre a violência doméstica contra a mulher, *Maid* também aborda o enigma da maternidade. Alex não encontra em Paula (Andie MacDowell), sua mãe, que oscila entre comportamentos afetuosos e de extrema agressividade, abandono e negligência, nenhum porto seguro. Ao contrário, será Alex que, cada vez mais, se responsabilizará por sua mãe. Através de suas lembranças, vamos sendo apresentados a um passado marcado pela violência, no qual mãe e filha são subjugadas pelo pai de Alex. As parcerias de Paula, ao longo da narrativa, revelam a repetição da mesma relação de submissão, concessões e dominações com diversos

parceiros. Passando de um a outro, ela vai se despojando de todos os seus bens. Se ela demonstra, em alguns momentos, amor e afeto, em outros, desaparece, esquecida de si mesma.

A face da maternidade aí exibida não coincide nem com a tese freudiana segundo a qual o filho viria tamponar a falta fálica como uma reposta ao ser mulher, nem à idealização da mãe presente na contemporaneidade. É uma face de sombra, que revela como a maternidade pode ser vivida, para algumas mulheres, não como realização do feminino, mas como aquilo que as confronta com o enigma de si mesmas. Diante disso, resta a Alex se desdobrar em mãe da filha e em mãe da mãe. Maddy (Rylea Nevaeh Whittet), a filha de Alex, está freqüentemente amparada em seus braços, no sentido literal e simbólico. Ao mesmo tempo, Alex vai também se ocupar dos cuidados com sua mãe.

O ciclo de violência não se rompe facilmente e Alex, como muitas mulheres, retorna para Sean, justamente durante uma das crises de Paula, na qual ela se sente desamparada. Rapidamente ela vai afundar e desaparecer na casa que se transforma em cárcere. O parceiro-sintoma pode se converter em parceiro-devastação. Quando a fantasia vacila, o sujeito fica na posição de objeto e é dessa posição, identificado ao objeto, que ele ataca. O machismo é a reação cultural que legitima isso e que mantém a mulher no lugar de objeto. Sean vai privá-la de todo contato com o mundo externo, dominar, impor suas regras, humilhar. Alex afunda.

Em “Televisão” (2003/1973b), Lacan afirma que a devastação em uma mulher leva a cabo a insistência de amor. Com isso, “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (p. 539). A temática do amor interessa à psicanálise desde o início dos estudos de Freud que, em “O mal-estar na civilização” assinala que amar e ser amado estão no horizonte humano da busca pela felicidade, de modo que a perda do amor, para uma mulher ou do objeto amado, para o homem, pode se transformar em fonte de angústia e desamparo (1996/1930 [1929]). Com Lacan, vemos que no lado feminino das fórmulas de sexuação, a demanda de amor pode aparecer sob a face da devastação:

Falamos de devastação quando há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação para a mulher, para o melhor e para o pior. (Miller, 1998, p. 81).

Dupim e Besset (2011, p. 1) afirmam que, “frente ao desamparo, na mulher devastada, a demanda infinita de amor retorna para ela mesma”. Há que se dizer ainda que a devastação tem suas raízes na relação mãe-filha. Em “O aturdido” (2003/1973a), Lacan postula a existência de algo na relação da menina com sua mãe que não se situaria sob o significante do falo e da castração e que ele nomeia como *ravage*, traduzido por devastação.

Por esta razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud *dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação. (p. 465).

Ravage tem a mesma raiz que *ravissement* e *ravinement*. Significa “desgaste violento”, “deslizamento”, “dano”, “prejuízo”, ou ainda, “devastação” (Robert, 1996). *Ravissement* também aparece em “Lituraterre” (1986/1971). Nesse texto, Lacan aproxima o *ravinement*, que é erosão, desgaste do solo pela água, de uma literatura que não seria do significante, mas da letra. Falando da *lituraterre*, Lacan descreve o momento em que sobrevoa a planície siberiana e fala de um território que se oferece ao olhar e de como as rasuras e as erosões ali evidentes constituem uma escrita a ser lida: “a escrita é *ravinement*”, diz Lacan: “Bem, o que de gozo se evoca no romper de um semblante, é isto o que, no real, eis o que é importante, no real se apresenta como *ravinement/sulco*” (p. 28). É no romper do semblante que algo do gozo se evoca como um desgaste, uma erosão que marca um território.

Nestes casos, o que está em jogo na demanda infinita de amor é ser amada, mesmo que como objeto-dejeto, o que pode ter efeitos arrebatadores (Dupim & Besset, 2011). Riguini e Marcos (2018) sinalizam que ocupar o lugar de objeto degradado pode trazer alguns

benefícios inconscientes, a partir de uma identificação com a amante eterna, sempre disposta, em seu ser de mãe ou de mulher (Ubieto, 2008). Somente ao se interrogar e se responsabilizar sobre sua modalidade de gozo é que uma mulher será capaz de adotar outra posição frente ao seu desejo e à escolha de um objeto amoroso.

Considerações finais

Retomamos nossa pergunta inicial: O que precede a fuga? O que o determina?

A temporalidade, tal como concebida pela psicanálise lacaniana, se realiza a partir das considerações lógicas que têm lugar em cada circunstância e de como se organizam as cadeias narrativas. Nesse sentido, o tempo para Lacan incluiu três etapas: o instante de ver, quando há a constatação de algo que ainda não se sabe muito bem o que é; o tempo de compreender, que não pode ser infinito e que envolve uma elaboração até que uma conclusão se precipite; e o momento de concluir, que é a função da pressa e tem efeito de corte e de abertura para um novo instante de ver. Na série, no primeiro ato, temos o instante de ver. Alex, embora ainda não consiga reconhecer a violência psicológica como uma agressão, percebe que aqueles golpes, como o soco na parede e os objetos lançados, podem ferir sua filha e a ela. É o que preside a primeira fuga. O tempo de compreender corresponde a toda sua caminhada de trabalho duro, baixo pagamento e sua vontade de sobreviver, incluindo o retorno para Sean e o naufrágio subjetivo que se produz. O momento de concluir consiste no segundo ato. Um caderno, no qual Alex escreve histórias sobre as casas onde trabalha classificando esses mundos: a casa do amor, a casa pornô. No aniquilamento no qual se encontra, na devastação sem limite, no excesso do sem limite, paradoxalmente, Alex encontra um limite. Quando o caderno, que havia sido esquecido em uma das casas nas quais fazia a limpeza, chega a sua casa trazido pela advogada, uma outra mãe/mulher, alguma abertura para o Outro se produz e surge uma possibilidade de saída. Não por acaso, a advogada que vai ajudá-la é aquela a quem Alex, por sua vez, amparou no desamparo da maternidade.

É a partir de seu ofício como faxineira e da jornada que se estabelece em torno disso que Alex tem a oportunidade de entrar na casa de estranhos e perceber que há vida pulsando, nascendo e morrendo, em todos os lugares. Ao documentar em seu diário o cotidiano de seu trabalho, a protagonista torna-se testemunha de amores e dores, de casais que se separam mesmo estando juntos, de mulheres consideradas poderosas, porém, na verdade, estão angustiadas diante da perda de um filho, de mães abusivas que trancam e acorrentam seus filhos e de idosos que cuidam uns dos outros à beira da morte. É a partir do inesperado dessa experiência que Alex consegue encontrar uma saída, pela via do desejo, que rompe com um funcionamento gozoso. Alex se reencontra com outra modalidade de satisfação (pulsional), por meio da palavra, mais favorável ao laço com o Outro e, por conseguinte, à vida.

Referências

- Alonso, S. & Fuks, M. (2014). A construção da masculinidade e a histeria dos homens na contemporaneidade. In P. Ambra & N. Silva Jr. (Orgs). *Histeria e gênero* (pp. 245-268). Editora nVersos.
- Alvarenga, E. (2015). As mulheres e a violência de nossos tempos. *Opção Lacaniana online*, 6(17), 1-12. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_17/As_mulheres_e_a_violencia_de_nosso_tempo.pdf
- Bassols, M. (2012). La violencia contra las mujeres: cuestiones preliminares a su tratamiento desde el psicoanálisis. *Fapol*. <https://fapol.org/blog/portfolio-items/la-violencia-contra-las-mujeres-cuestiones-preliminares-a-su-tratamiento-desde-el-psicoanalisis/>
- Caldas, H., Drumond, C., Machado, O. & Badari, P. (2016). Observatório sobre a Violência e as Mulheres na EBP. *Lacan XXI Revista FAPOL Online*, (1), 58-60. http://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2016/04/Lacan21_PT-2.pdf
- Dupim, G. & Besset, V. (2011). Devastação: um nome para a dor de amor. *Opção Lacaniana online*, 2(6), 1-6. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero6/texto6.html>
- Freud, S. (1996/1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. XXI, pp.73-154). Imago.

- Gallo, H., Jaramillo, A. M., Marroquín, R. D. L., & Ramírez, M. E. (2010). *Feminidades*. Editorial Universidad de Antioquia.
- Lacan, J. (1986/1971). *Lituraterre. Che vuoi*. Cooperativa Cultural Jacques Lacan.
- Lacan, J. (2000/1964-1965). *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*. Edição não comercial: Association Freudienne Internationale.
- Lacan, J. (2003/1973a). O aturdido. In *Outros escritos* (pp. 448-497). Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003/1973b). Televisão. In *Outros escritos* (pp. 508-543). Jorge Zahar Editor.
- Miller, J-A. (1998). *El hueso de un análisis*. Tres Haches.
- Miller, J-A. (2000). A teoria do parceiro. In A. Harari [Trad.]. *Os circuitos do desejo na vida e na análise* (pp. 153-207). Contra Capa.
- Miller, J-A. (2017). Crianças violentas. *Opção lacaniana*, (77), 23-31. Eolia.
- Presidência da República. (2006). *Lei N.º 11.340* Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União.
- Pfauwadel, A. (2017). Virilités plurielles. *La cause du Désir*, 1(95), 5-6. <https://doi.org/10.3917/lcdd.095.0005>
- Robert, P. (1996). *Le Nouveau Petit Robert*. Dictionnaire Le Robert.
- Riguini, R. D., & Marcos, C. M. (2018). Cinco notas sobre o feminicídio a partir da psicanálise. *Revista Subjetividades*, 18(Esp), 1-12. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6174>
- Ubieto, J. R. (2008). Posiciones subjetivas em los fenómenos de maltrato. *Virtualia*, (18), 1-4. <https://revistavirtualia.com/articulos/423/dossier-psicoanalisis-y-criminologia/posiciones-subjetivas-en-los-fenomenos-de-maltrato>